

**CONVERSA ESCRITA: “PROXIMIDADE” NA CORRESPONDÊNCIA ENTRE
MÁRIO DE ANDRADE E O GRUPO VERDE DE CATAGUASES**

**WRITTEN DIALOGUE: "PROXIMITY" IN THE CORRESPONDENCE BETWEEN
MÁRIO DE ANDRADE AND GREEN GROUP FROM CATAGUASES**

Ana Lúcia Richa (USP)¹

Resumo: A leitura do conjunto de cartas trocadas entre o escritor Mário de Andrade (1893-1945) e seis integrantes do Grupo Verde de Cataguases (1927-1929) mostra uma ambiência de amizade próxima. Este artigo pretende investigar em que medida a apropriação na escrita epistolar de elementos da expressão oral e a simulação do diálogo presencial contribuíram na fabricação de uma “proximidade” e deram a esta correspondência uma atmosfera de conversa presencial e amistosa.

Palavras-chave: Epistolografia; Mário de Andrade; Grupo Verde de Cataguases; Escrita epistolar; Expressão oral.

Abstract: Reading the collection of letters exchanged between Mario de Andrade and six members of Grupo Verde de Cataguases (Green Group from Cataguases), between 1927 and 1929, a friendly atmosphere is noticeable. The present article investigates how elements of oral expression and elements of a dialogue *in praesentia* are used in the epistolary writing to generate a feeling of proximity and friendly conversation.

Keywords: Epistolography; Mario de Andrade; Grupo Verde de Cataguases; Epistolary writing; Oral expression.

A compilação e a pesquisa das cartas trocadas entre Mário de Andrade e seis jovens escritores do Grupo Verde de Cataguases, entre 1927 e 1929, mostram que de ambos os lados houve a apropriação na escrita epistolar de elementos da expressão oral e a simulação do diálogo presencial como estratégias de aproximação e de criação de um ambiente de amizade².

¹ Ana Lúcia Richa é doutoranda em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Rio de Janeiro (2005). É autora do livro *Uma vanguarda à moda de Cataguases* (Ed. Fundação Francisca de Souza Peixoto). Foi professora substituta de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro no primeiro semestre de 2010. analuciaricha@gmail.com

² A correspondência trocada entre Mário de Andrade e os rapazes do Grupo Verde de Cataguases é o objeto de estudo do projeto de pesquisa intitulado “Amizade ‘carteadeira’ – O diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases”, que está sendo desenvolvido no doutorado do Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da FFLCH – USP, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, e tem subvenção da FAPESP.

O Grupo Verde de Cataguases formou-se em meados da década de 1920, reunindo rapazes entre 17 e 24 anos (Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino Cesar, Enrique de Resende e Rosário Fusco). O grupo fundou a revista *Verde*, que teve seis números entre setembro de 1927 e maio de 1929. Os rapazes de Cataguases também lançaram quatro livros de poemas e o “Manifesto do Grupo Verde de Cataguases”, em novembro de 1927. As publicações do Grupo Verde circularam não só por Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, mas também chegaram via correio a diversas partes do país, alcançando e recebendo colaborações de diferentes grupos de escritores interessados em literatura de vanguarda.

Quando os rapazes de *Verde* estabeleceram contato com Mário de Andrade, o escritor já era uma referência em arte moderna no Brasil. Nesse tempo, iniciara importante correspondência com Manuel Bandeira (desde 1922) e com Carlos Drummond de Andrade (desde 1924) – expoentes da nova geração de poetas, artistas e intelectuais que desejavam pensar novos rumos para a produção estética brasileira.

Angela Gomes, em “Escrita de si, Escrita da História: a título de prólogo”, mostra que as cartas pessoais são objetos culturais particularmente adequados à linguagem simples, despojada e próxima do verbal/oral, que aproxima os indivíduos e pode propiciar o que se entende como “metáfora da loquacidade”. Para ela, isso justificaria serem as cartas um espaço em que temas e informações se acumulam, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um tipo de discurso multifacetado. A carta, possivelmente por sua linguagem que se aproxima da linguagem oral e simula um diálogo, propicia o estabelecimento de relações pessoais e a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas. Isso é extremamente relevante para o Grupo Verde de Cataguases, já que foi pela correspondência que eles se inseriram na rede de sociabilidade intelectual que se estabeleceu no modernismo brasileiro.

José-Luis Diaz, em “Qual genética para as correspondências?”, recorda que a partir de Madame de Sévigné (1626-1696), ganha força a ideologia da carta como escrita espontânea. Tal ideia teria sido largamente acolhida no romantismo, período em que a escrita espontânea se somaria à valorização da emoção. Atualmente, uma forma predominante de entendimento da escrita epistolar leva em consideração a necessidade de adoção de linguagem

que, apropriando-se de elementos da linguagem oral, aproxima os correspondentes trazendo a sensação de um diálogo presencial.

Angela Gomes chama a atenção para que as marcas do relacionamento que se estabelece entre os correspondentes estão na própria carta:

A linguagem, o vocabulário e também as marcas materiais (cor do papel, desenhos, inscrições) que uma carta pode conter sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que está em jogo. Uma relação – de amizade, de amor, de trabalho – que pode ser percebida pelas transformações ocorridas nas formas de tratamento e despedidas, bem como pelo próprio volume das cartas. (GOMES, 2004, p. 21)

Neste estudo, a principal intenção é observar as marcas textuais dessas cartas que demonstram a intenção dos sete participantes desse diálogo epistolar de superar a distância e criar a sensação do diálogo cara a cara. Torna-se valiosa a ressalva de que os estudos linguísticos poderiam fartamente esmiuçar as apropriações que a escrita epistolar realiza de elementos da oralidade. A carta é um objeto plural, que atrai o interesse de diversos campos do conhecimento e que pode, inclusive, ser estudado de uma perspectiva interdisciplinar.

“MEU QUERIDO MÁRIO”

A carta com data mais antiga de Rosário Fusco para Mário de Andrade guardada pelo escritor paulista e que hoje está conservada no Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (AMA, IEB-USP), datada de 25 de setembro de 1927. É também a primeira carta enviada por um dos verdes a Mário, trazendo o propósito de apresentação tanto pessoal quanto da revista recém-fundada.

Nessa carta inicial, se leem o pedido de colaboração e de livros. A missiva não apresenta registro formal. Rosário Fusco mostra-se irreverente, deixando claro o desejo de estabelecer uma amizade com Mário de Andrade. O tom brincalhão, ambicionando a proximidade, surpreende no primeiro contato epistolar de um rapaz de seus 17 anos com um já reconhecido escritor.

Meu querido Mário,
Mando pra você, com esta carta e um abraço, toda a minha amizade também. Não mando a minha admiração e a minha simpatia porque você já é dono dessas duas coisas há muito tempo. Taí?.

Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais. E Venho trazer a notícia de que eu e Henrique de Resende fundamos uma revista moderna aqui. *Verde* é o nome da baita. Espero a tua colaboração pra ela. Escusado será dizer que até o fim o mês você tá recebendo o primeiro número dela aí.
Se você já ta aporrinhado com estas palavras ocas vá se entender com o Alcântara. Ele é que é o culpado disso tudo. Disse que v. me responderia e etc. Tá ouvindo?
Olha cá, meu boníssimo Mário:
Tenho a lamentável mania de pedir. Agora mesmo acabo de dar uma facada no Alcântara e no Oswald.
Agora chegou a tua vez.
Faço questão de ganhar um livro de você.
Tá ouvindo? Gosto muito de vocês todos e quero uma lembrança de cada um. Quero a tua amizade também.
Como você – eu sou um fazedor de versos também. Depois que v. me responder mandarei uns versos – amostras.
Pronto.
Com o coração do todo seu, ou por outra, do todo TEU

Rosário Fusco
25/9/27
R. D. Murgel, 4
Cataguases, Minas.

ESCUITA:
Perdoe o desembasamento da minha carta e das minhas palavras. E trate de me responder logo – LOGO.
Ouviu?
Escreva sempre e mande versos se possível for. (Rosário Fusco a Mário de Andrade, 24/09/27, AMA, IEB-USP)

O tom de conversa se repete nas primeiras cartas dos outros rapazes de *Verde*. Camilo Soares escreve a Mário, em outubro de 1927, transpondo para a missiva as exclamações de entusiasmo pela boa receptividade da revista *Verde* entre os grupos de vanguarda:

Mário de Andrade batuta como vai você? Bonzinho, bonzinho, não é? Eu sou o tal do ‘Matias Qualquer’. Um rapaz moço. [...] Acho que você já me conhece. Por isso não precisamos de conversa besta, à toa.” [...] O 2º número da *Verde* vai sair. Troço prá riba de porcaria. Coisa puxada. [...]
IP!
IP!
IP!
URRA!
Quem foi que disse que minha avó era burra! (Camilo Soares a Mário de Andrade, outubro/27, AMA, IEB-USP)

O primeiro contato epistolar de Ascânio Lopes com Mário de Andrade não passa de bilhete. Sente-se já parte da conversa, através da correspondência de Fusco e Camilo Soares. Ascânio, abaixo da assinatura, confessa a preguiça em escrever carta explicativa, deseja apenas marcar presença em uma conversa já animada.

O mesmo ocorre na primeira e curta mensagem de Francisco I. Peixoto, que protesta não ter sido notado ainda e não ter recebido *Clã do jaboti* de presente:

Estou aqui com o Fusco na redação da *Verde*. Todos os dias ele vive me atazanando os ouvidos para eu escrever a você.
Hoje me resolvi. Sabe por quê? Porque você mandou livro – *Clã do jaboti* – para toda a turma menos para mim. Fiquei com ciúmes. Muito naturalmente.
Que diabo! Então você não sabe que eu sou verde também ou não liga para mim? Ah peste!
Não posso me demorar mais.
Antes que me esqueça: muito prazer e muita honra em conhecer o Mário Cabral de Andrade descobridor dos rapazes verdes.
Me queira bem. (Francisco Inácio Peixoto a Mário de Andrade, dezembro/27, AMA, IEB-USP)

Guilhermino Cesar também escreve desejoso de tomar parte na conversa. É mais formal que os outros, porém demonstra que está acompanhando o desenrolar do assunto e emprega expressões do falar cataguasense: “O Fusco está fazendo exame. / Batemos perna atrás do Pierre até cansar. Mas encontramos o safado.” (Guilhermino Cesar a Mário de Andrade, março/28, AMA, IEB-USP)

Dos rapazes de Cataguases, Enrique de Resende é o mais formal do grupo. Enrique de Resende é o mais velho dos verdes, com 24 anos, engenheiro formado e casado. Ele figura como diretor na revista e assina os editoriais. O máximo de informalidade a que sua carta chega é: “E compreenda, bem, meu caro Mário, a intimidade desta minha primeira carta. É que você também já é de casa e seria bárbaro se eu viesse tratando você por aí abaixo com cerimônias.” (Enrique de Resende a Mário de Andrade, 23/11/27, AMA, IEB-USP)

Os verdes exploram o vocabulário característico do diálogo presencial ao logo da correspondência. Em carta de Francisco I. Peixoto encontra-se o exemplo: “Chii... levei esse tempo todo a pensar e não falei sobre o *Clã*.” (Francisco I. Peixoto a Mário de Andrade, 26/1/28, AMA, IEB-USP) Nas primeiras cartas de Fusco a Mário é evidente o uso do recurso de chamar atenção do interlocutor para provocar a resposta e manter o contato: “E trate de me

responder logo – LOGO. / Ouviu?"; "Me escreva. Ta ouvindo?"; "Amanhã conversaremos devagarinho"; "Credo! Nem é bom falar nisso". (Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27; 4/10/27; 8/11/27; 15/11/27, AMA, IEB-USP) Fusco estabelece um ambiente tão forte de conversa com o escritor paulista que na parte final de uma das cartas faz uso de versos de uma brincadeira popular que obriga os participantes a ficarem calados: "falei falei falei cadê utilidade? Era uma vez a vaca vitória, cagou na panela, três a mexê, três a comê, três a lambê, quem fala primeiro come tudo... Pois eu comi." (Rosário Fusco a Mário de Andrade, 30/9/27, AMA, IEB-USP).

Seria possível supor que todo esse uso de elementos orais na escrita epistolar fosse a extensão para os domínios da carta das propostas modernistas para uma renovação literária e estética. Ao tratar-se de correspondência de escritores, não é possível desprezar que o mesmo instrumento usado para a carta é o usado para a sua expressão artística. Então, na carta, a escrita transita muitas vezes entre o discurso literário e o epistolar, transformando o documento em território da criação. Sabe-se que uma das bandeiras do modernismo era o rompimento com uma forma de produção literária rebuscada, considerada excessivamente formal e que excluía expressões da linguagem cotidiana e oral.

Contudo, é relevante notar o fato de o uso desses elementos característicos da conversa cara a cara, colaborarem na construção de uma proximidade almejada pelos verdes. Esse trabalho de estreitamento de laços fica ainda bastante claro nos pedidos de afeto e amizade, principalmente nas despedidas. Camilo Soares diz, em outubro de 1927: "Seja sempre bom pra mim. Quero a sua amizade. Pronto." Enrique de Resende se despede em 25/12/27: "Você mande cá na gente". Rosário Fusco escreve, em novembro de 1927: "Escreva e fique gostando de mim porque cada vez mais eu fico gostando de você". Francisco I. Peixoto escreve, em dezembro de 1927: "Me queira bem." Ascânio Lopes pede, 2/1/28: "Deixe-me sempre pro fim. Mas manda de vez em quando uma carta pro amigo certo."

Também nos vocativos, nas formas de tratamento empregadas a Mário de Andrade, é bastante evidente a construção da amizade. Logo na primeira carta de Camilo Soares, o autor de *Macunaíma* é "Mário batuta" e "Mário amigo"; na segunda, já é "Mário de Andrade, amigo velho". Rosário Fusco, reveza as fórmulas "Meu querido Mário" e "Mário amigo". Ascânio Lopes e Francisco I. Peixoto usam preferencialmente o primeiro nome do autor. Enrique de Resende e Guilhermino Cesar, são mais conservadores e usam "Mário de

Andrade”. Em contrapartida, os verdes assinam majoritariamente como em seus textos literários, com nome e sobrenome – com exceção de Rosário Fusco que, nos bilhetes mais apressados por ocasião da edição da revista, rabisca o sobrenome.

A correspondência teve um papel determinante para a superação do isolamento dos rapazes de Cataguases que desejavam inserir-se na rede de sociabilidade intelectual que se formou entre diversos grupos de vanguarda no movimento modernista brasileiro. Nesse sentido, escrever ao já conhecido intelectual de vanguarda Mário de Andrade, era essencial para o Grupo Verde. Antônio Alcântara Machado e Carlos Drummond de Andrade alertam os verdes para o “peso” da participação do autor de *Pauliceia desvairada* na revista. Vale observar um trecho da primeira carta de Fusco a Mário: “Se você já tá aporrinhado com estas palavras ocas vá se entender com o Alcântara. Ele é que é o culpado disso tudo. Disse que V. me responderia e etc.” (Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/9/27, AMA, IEB-USP) E mais um trecho da segunda carta: “Não sei se já te falei a respeito da receita que o Carlos Drummond me mandou. Qué vê[?] / “Use Mário de Andrade / é o melhor remédio e não falta nunca!” (Rosário Fusco a Mário de Andrade , 4/10/27, AMA, IEB-USP)

**“GUILHERMINO
PEIXOTO
FUSCO
GENTE:”**

A primeira carta de Mário a um dos verdes que se tem conhecimento é para Rosário Fusco. Nela está presente sua escrita vincada de elementos recolhidos do falar brasileiro como “si” e pra”. A respeito de um dos poemas de Fusco, Mário comenta: ““Que você fala pra mim?; um despropósito de pronomes inúteis e nada brasileiros, no 5º, 6º e 13º versos o “eu” não só é inútil como prejudica a naturalidade falada das frases.” (Mário de Andrade para Rosário Fusco, 24/10/27, Acervo de Rosário François Fusco)

Mário de Andrade se dirige aos seus jovens correspondentes usando nome e sobrenome, a mesma forma como eles se assinam. A exceção é Rosário Fusco, que é dos seis verdes com quem Mário tem a maior correspondência. O poeta de Cataguases, começa a ser chamado de “Fusco”, passa a “Rosário” (em um momento crítico do diálogo em que Mário de Andrade recusa ser redator de *Verde* e fala da morte inevitável da revista), e a partir daí tem

seu nome ludicamente transformado como prova de amizade já estabelecida: “seu Fusco”, “Fusquinho”, “Fusco do céu”, “Fuscoide” e “gente” (em bilhete para o grupo em 1928).

Na própria assinatura, o autor de *Pauliceia desvairada* mantém o nome e sobrenome nas primeiras cartas aos rapazes de Cataguases. Entretanto, já na terceira carta a Rosário Fusco, novembro de 1928, passa a assinar “Mário”, usualmente seguindo o “ciao”³, e por fim usando apenas “M” em diversas cartas a este escritor.

Mário de Andrade, desde o início da década de 1920, com o grupo que participara a semana de arte moderna de 1922, procurava novos rumos para a arte e literatura brasileiras. Uma das questões mais vivas para o autor nesta época está relacionada com uma forma de valorização da brasilidade, de procurar o que havia de vivo na tradição, na cultura e na forma de falar do brasileiro. Tratava-se de “abrasileirar o brasileiro”, que se traduz pela necessidade do artista brasileiro encontrar meios culturais e de expressão próprios, que o distinguissem de outros países. Em carta a Carlos Drummond de Andrade de novembro de 1924, Mário escreve: “É preciso começar esse trabalho de abrasileiramento do Brasil [...]. Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais.” (ANDRADE, 2002, p.71)

No momento em que começa a se corresponder com os rapazes de Cataguases, final de 1927, Mário de Andrade está finalizando seu romance/rapsódia *Macunaíma*. Chega a publicar um trecho do romance na edição de número três da revista (novembro de 1927) intitulado “Caso da Cascata”. Mário de Andrade construiu *Macunaíma* aproveitando uma grande variedade de elementos, provenientes das fontes mais diversas, a mistura está no nível semântico, composicional e textual. A distância entre a língua escrita e falada é criticada com ironia no capítulo IX “Carta pras Icamiabas”: “Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra.” (ANDRADE, 1988, p. 84)

Nesse sentido, a busca de uma nova linguagem literária, mais brasileira, passava para Mário pela aproximação do falar do povo. Seus textos, incluindo suas cartas, traziam expressões que assinalavam o momento de busca da expressão nacional e de

³ Sobre essa forma de se despedir em carta, Manuel Bandeira pergunta a Mário em outubro de 1924: “Que é ciao? Adeus italiano?...” (ANDRADE, 2000, p.130)

experimentalismo linguístico que acolhe a expressão oral (“pra”, “pro”, “tou”, “queu”, “quedê”; “si”, “quasi” e frases iniciadas por pronomes oblíquos).

O prolongamento na carta das propostas de uma nova forma de escrita literária seria uma percepção válida. Entretanto, salta aos olhos na leitura da coletânea de cartas trocadas entre o escritor paulista e os rapazes cataguasenses o quanto a existência de elementos da expressão oral contribuiu para a criação de um ambiente de amizade e superação da distância.

Marcos Antonio de Moraes, em *Orgulho de jamais aconselhar*, analisa a correspondência de Mário de Andrade e identifica que o escritor paulista, teria aproveitado ao máximo das possibilidades que o gênero epistolar lhe oferecia. Moraes explica que:

A conversação realizada pela correspondência de Mário fundamentava a propagação do ideário modernista, bem como dos movimentos culturais e políticos que, de certo modo, foram por ele sustentados. Mário criará uma rede de comunicação jamais vista até aquele momento na história literária brasileira. (MORAES, 2007, p101)

Moraes propõe que a carta, para Mário de Andrade, é o lugar privilegiado para a celebração da amizade, tencionando criar uma ambiência de amizade. Nesse espaço, pode desenvolver com mais força o seu trabalho de convencimento intelectual. Tem consciência do poder fecundante de suas palavras, da força de sua argumentação que carrega um saber militante; tem consciência de que a sua proposta de discussão intelectual reserva para o interlocutor um árduo convívio, com momentos em que defeitos e pontos fracos são trazidos à tona e expostos para reflexão. Toda essa engrenagem faria parte de um “projeto pedagógico” que engloba a demonstração de como exprimir conceitos e como exercer a (auto)crítica.

Moraes demonstra que Mário de Andrade procurava envolver seu interlocutor em uma atmosfera de aproximação: “‘Presença’ e ‘ausência’ são os dois lados de um mesmo procedimento epistolar que intenta a emulação do diálogo real e que se completa com a exploração das possibilidades semânticas dos verbos ‘falar’, ‘dizer’ e ‘conversar’.” (MORAES, 2007, p. 99)

Também na correspondência com os verdes é identificada a mesma estratégia. Em carta a Camilo Soares de 24/10/27 escreve: “a gente pode falar que aquilo é ruim...” e mais adiante “Eu posso falar bem disso”. A Rosário Fusco diz, em 23/12/27: “Você me fala numa carta”.

Completando a construção de proximidade, essencial na realização de seu projeto epistolar, Mário de Andrade se coloca como quem conversando despreocupadamente, como quem está presente, ao lado de quem ouve. Moraes explica: “Esse ‘mostrar-se’ na carta poderia significar para ele um modo de eliminar distâncias.” (MORAES, 2007, p. 95)

Mário se faz presente aos verdes partilhando com eles seu cotidiano, como em carta a Ascânio Lopes: “Estou picego hoje com um terçol dos demônios me doendo muito.” (Mário de Andrade a Ascânio Lopes, 21/1/28, FGC, IEL-RS) E como em carta a Fusco: “Meu pensamento agora está meio longe da boa educação, gente. Perdido em pelo menos três trabalhos que estão me fazendo dar topada na rua, tomar bonde que vai em vez do que vem, etc. com mentira e tudo. Uma coisa é certo: ando com o corpo roxo de machucaduras.” E ainda em outra carta ao mesmo autor: “são meio-dia, já me barb[eei] cortei cabelo, tomei banho, fiz ginástica, me vesti, escrevi com esta a 8ª carta e última do dia, faz sol, é meio-dia... Noite de music- hall... (Mário de Andrade a Rosário Fusco, 23/3/28 e 14/10/28, Acervo de Rosário François Fusco)

Além disso, o autor de *Pauliceia desvairada* se dispõe a ler e comentar o material enviado pelos rapazes de Cataguases. Como amigo “próximo” quer opinar e participar da aventura literária dos verdes: A Camilo Soares escreve, em 24/10/27: “Estou sempre às ordens pro que você quiser.” A Rosário Fusco diz: “E aqui estou pra prefaciá-lo o que você quiser.”; “Vá trabalhando e não se esqueça da gente. Estou sempre às ordens pra tudo e não tenha medo de me caceteá-lo, já falei.” (Mário de Andrade a Rosário Fusco, novembro/27 e 23/12/27, Acervo de Rosário François Fusco). A Ascânio Lopes: “Me escreva sempre”. (Mário de Andrade a Ascânio Lopes, 21/1/28, FGC, IEL-RS)

Esse ambiente de conversa entre amigos, que estão lado a lado, comentando os textos uns dos outros, é onde ganha espaço o “projeto epistolar de caráter didático”. Marcos Antonio de Moraes explica: “um árduo trabalho de impregnar a palavra escrita do ‘mortal’, humanizando-a, para que ela se torne a expressão da amizade e, ao mesmo tempo, possa levar de acréscimo seu projeto para a formação do interlocutor.”

Como exemplo, cita-se a resposta a Fusco, que perguntara a Mário se o amigo o achava poeta mesmo:

O presente não é nada pelo que você pode fazer no futuro e tenho esperança que fará. Tudo depende de trabalhar agora, e tomar com seriedade essa

brincadeira luminosa da arte. O modernismo brasileiro estaria muito além da sua já enorme vitória, não fosse o poder de frouxos que se meteram nele e não aguentaram o tranco. Por que que não aqueceram? É fácil de perceber. Principiar é trabalho leviano que qualquer ombro de piá carrega porém em seguida a gente percebe que não pode ficar nessa promessa de menino-prodígio, que tem mesmo de ir além e sobretudo ir mais profundo e que-dê estudo, que-dê base, que-dê treino e fôlego para isso? Não se tem e não se tem coragem pra começar. Então se faz o que a maioria fez, cai na pândega, não escreve mais, desdenha e caçoa da poesia e da arte, banca o superior, enfim fazem um dilúvio de coisas que não conseguem esconder a realidade: são frouxos, não aguentaram o tranco. Se ausculte bem primeiro, veja sem ilusões se você é mesmo fatalmente artista. Se é, continue. Se não é, vá ser carroceiro, chofer, corrupele, ladrão, mas seja vitalmente uma realidade, isso é que importa. (Mário de Andrade a Rosário Fusco, s/d, ARF, AMLB-FCRB)

Apesar da ambiência de amizade próxima ter sido perseguida tanto da parte dos rapazes do Grupo Verde de Cataguases quanto de Mário de Andrade, o diálogo dos sete escritores não deixou de ter momentos de tensão, divergências e pedidos de esclarecimentos – que não serão explorados aqui por não fazerem parte da proposta deste artigo.

Por tudo exposto, é possível concluir que tanto Mário quanto os verdes tentaram imprimir na linguagem de suas missivas a loquacidade (com enunciados cheios de oralidade), não por buscarem o efeito estético, mas como fabricação de um ambiente de conversa presencial e amistosa. Ambos os lados puderam aproveitar esse ideal de convívio íntimo construído.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org. intro. e notas de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. *Macunaíma*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade*. Org. Lélia Coelho Frota; apres. e notas às cartas de Mário de Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.

DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética. nº 15, 2007, p. 119-161.

GOMES, Angela de Castro (org.). “Escrita de si, Escrita da História: a título de prólogo”. In: _____ . *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e Crítica Genética”. *Crítica Genética / Artigos*, p 30-32.

_____. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

CARTAS INÉDITAS

Arquivo Mário de Andrade – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. (AMA, IEB-USP)

Acervo de Rosário François Fusco (filho de Rosário Fusco)

Arquivo Rosário Fusco, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. (ARF, AMLB-FCRB)

Arquivo Francisco Inácio Peixoto, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. (AFIP, AMLB-FCRB)

Fundo Guilhermino Cesar, Fundação Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. (FGC, FEL-RS)